

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DO SUL E SUDESTE

SUHANE DE SOUZA RODRIGUES

VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA ESCOLAR:  
SUA RELAÇÃO COM A REALIDADE  
SOCIAL

MARABÁ

2007

PEDAGOGIA  
ETIQUETA Nº 123



SUHANE DE SOUZA RODRIGUES

**VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA ESCOLAR:  
SUA RELAÇÃO COM A REALIDADE  
SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do grau  
de Licenciatura Plena em  
Pedagogia, pelo Campus  
Universitário do Sul e  
Sudeste do Pará, orientado pela  
professora Salete de Fátima Noro  
Cordeiro.

UFPA

2007

UNIFESSPA  
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

SUHANE DE SOUZA RODRIGUES

VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA ESCOLAR: SUA RELAÇÃO COM A  
REALIDADE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Pedagogia da  
Universidade Federal do Pará, como  
requisito à obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data da defesa: 23 de novembro de 2007

BANCA EXAMINADORA:

Salete de Fátima Noro Cordeiro  
Orientadora

---

Examinador(a)

---

Examinador(a)

UFPA-MARABÁ

2007

Aos meus pais  
Felismar e Maria  
Zenaide, meu  
refúgio e fortaleza.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Felismar e Maria Zenaide Rodrigues pelo apoio, compreensão e, carinho dedicado em todos os momentos da minha vida.

Aos meus irmãos, Aubrey, Kalbert, Huerton, Naide e, Junior pela paciência e encorajamento; me ajudaram a não desistir.

Ao meu sobrinho Samuel pelas horas de descontração.

À minha orientadora Salete, pela compreensão e compromisso dedicados durante a elaboração deste trabalho e principalmente pela paciência nos momentos difíceis.

Ao bebê da professora Salete, espero que seja tão paciente e responsável como a mãe.

À todos da escola “Nossa Senhora de Fátima” pela colaboração.

Aos amigos e colegas que fiz durante o curso, em especial aos dois grupos em que participei; primeiro grupo: Cynthia, Katiurcya, Brisa, Jusilene, e ao segundo grupo: Aline, Adriana Paula, Franciana, Elineude e aos meus amigos Flávio Roberto e Ana Lúcia; todos vocês vão ficar na memória!

À todos que não citei aqui, mas que contribuíram de alguma forma para a conclusão de mais esta etapa da minha vida...

À todos muito obrigada!

*“Olhei para todos aqueles meninos desconhecidos e pensei: ‘ Meu Deus!  
Em quanta gente vou ter que bater para me fazer respeitar! ’ Na primeira  
briga fui derrotado. Perdi a coragem quando me senti todo dolorido.”\**

John Lennon

---

\* Comentário de John Lennon sobre o seu primeiro dia de aula em 1952, na escola Secundária de Quarry Bank, nos subúrbios de Liverpool na revista Violão e Guitarra Edição Especial Nº 7 de setembro de 1977.

## RESUMO

Pesquisa feita com alunos e professores de uma escola pública, com objetivo de coletar informações que lançassem luz ao problema da violência e da indisciplina escolar, embasado juntamente à referenciais teóricos relacionados à temática como ; perda de valores, a desestrutura familiar, a insegurança dos jovens quanto ao futuro, o descrédito da escola ou da educação. Tudo isso analisado através dos conceitos envolvidos diretamente com o problema que engloba o universo educacional resultante da influência exercida pelos problemas enfrentados pela sociedade que entre eles o que mais afeta a todos é o caos causado pela crescente onda de violência. Termos como *bullying*, valores perdidos, conceito sobre violência, conceito de indisciplina e, perspectivas dos jovens para o futuro, os problemas enfrentados na maioria das escolas da atualidade serão abordados durante o primeiro capítulo com o auxílio de autores que abordam temas relacionados. No capítulo dois intitulado; Quando a violência invade a escola abordará a questão da reprodução que a escola tem feito dos problemas sociais, em especial a violência e as suas conseqüências para o aprendizado dos alunos, onde é feita análise com as falas coletadas dos alunos durante a pesquisa de campo. No capítulo três intitulado: A visão da escola sobre os problemas enfrentados no cotidiano; analisaremos a visão dos professores e alunos sobre indisciplina e violência, abordando os acontecimentos que são determinados como fruto da violência instalada no espaço escolar. Um fator interessante da pesquisa é o tão popular livro de ocorrências, elemento comum nas salas de direção da maioria das escolas, nele são registrados os chamados casos de indisciplina e violência cometidos pelos alunos. A análise desse livro foi de vital importância para o andamento do trabalho e estudo dos casos e conclusão da pesquisa.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
-----------------	---

### CAPÍTULO 1: A ESCOLA E SEUS DILEMAS

1.1.O que é “ <i>Bullying</i> ” .....	12
1.2.O que é bom vem de fora.....	16
1.3.Os jovens e as perspectivas para o futuro.....	18
1.4.Os valores perdidos.....	21
1.5.O conceito de violência.....	24
1.6.O conceito de indisciplina.....	26

### CAPÍTULO 2: QUANDO A VIOLÊNCIA INVADE A ESCOLA

2.1. A escola como reprodutora da violência social.....	28
2.2. A consequência da violência no aprendizado.....	32

### CAPÍTULO 3: A VISÃO DA ESCOLA SOBRE OS PROBLEMAS ENFRENTADOS NO COTIDIANO

3.1. A visão dos professores sobre indisciplina e violência.....	36
3.2. A visão dos alunos sobre indisciplina e violência.....	41
3.3. A realidade na escola ‘Nossa Senhora de Fátima’ .....	46

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
---------------------------	----

### ANEXOS

## INTRODUÇÃO

A violência que tem tomado grandes proporções no espaço escolar passa atualmente a ser encarada não só como um problema restrito a sociedade, mas como um problema de âmbito escolar. Como sociedade nos deparamos com algo que antes era encarado apenas como externo à escola, mas que infelizmente tem cada vez mais se tornado assunto principal da rotina das escolas, que é a violência. Diante de tal situação aumentam-se os casos de indisciplina escolar, maneira encontrada pelos alunos, de expressarem o que vivenciam em sociedade. Apesar da escola ser também uma vítima da violência, pois, reflete diretamente as mazelas sociais, é importante que se pesquise e analise as causas e principalmente as conseqüências que esse mal social tem gerado dentro das instituições escolares.

Por ser a escola um local importante, que contribui para a formação dos cidadãos, é de interesse de todos discutir a violência nas escolas com a finalidade de encontrar possíveis soluções. Por ser uma realidade, o fato da violência estar modificando as atitudes na escola tanto de alunos como de professores, é um tema que precisa ser analisado com dados colhidos dentro da escola, as percepções dos alunos, dos professores em torno do assunto.

Pessoalmente é um tema importante, pois, durante a chamada "trajetória ou vida escolar", também convivi com tipos variados de violência; a física e a psicológica, e sei o quanto ser vítima ou presenciar atos de violência podem interferir diretamente na visão que carregaremos a respeito da escola e na nossa própria formação como ser humano. Voltando ao espaço escolar em uma situação diferente, a de educadora, observo que pouca coisa foi modificada em sentido positivo; o que noto é que a escola se tornou e tem se tornado cada vez mais violenta e, entender os aspectos envolvidos que colaboram para o crescimento descontrolado da violência é o ponto de partida para uma possível estagnação do problema.

Pesquisar sobre essa temática é uma forma de estar contribuindo para acharmos a "raiz" do problema, não que esse tenha um "culpado" específico, mas entendo que quanto mais variados forem os questionamentos levantados, mais amplas serão as possíveis soluções.

Diante da proporção que a violência tomou nos últimos anos e a forma como esta tem atingido os alunos, faz com que surjam questionamentos em torno do problema; tendo a sociedade que conviver com o fator violência, cabe saber quais as causas ou o que tem feito com que essa violência seja refletida dentro do espaço escolar, e quais as conseqüências geradas para alunos e professores. Podemos observar que a violência se manifesta de várias maneiras dentro da escola; a violência que discrimina, que exclui, que trata com indiferença, a que tira a esperança, que marginaliza, e acaba por ser reprodutora de mais violência. Não podemos dizer que a violência seja gerada somente no espaço escolar, pois o que acontece dentro da maioria das escolas é o puro reflexo do que vivemos em sociedade: um verdadeiro caos causado pelo aumento descontrolado da violência.

Para esclarecer o que será pesquisado, foram selecionados alguns objetivos que servirão como norteadores desta pesquisa, sendo objetivo geral: identificar e analisar os elementos causadores da crescente violência e a relação da mesma com a indisciplina escolar. E como objetivos específicos:

- Verificar se a escola tem sofrido influências da violência social analisando o reflexo que isso tem sobre a escola;
- Analisar os conceitos de indisciplina e violência com base na visão, conceitos dos alunos e professores verificando a compatibilidade ou não desses conceitos;
- Identificar as conseqüências da violência no aprendizado dos alunos e no modo de ensinar dos professores observando as conseqüências geradas pela existência da violência.

Para a realização da pesquisa foi feito um estudo de caso onde se escolheu a Escola Municipal de Ensino Fundamental "Nossa Senhora de Fátima" situada no bairro São Félix, no município de Marabá. A pesquisa foi feita em forma de observação comportamental no primeiro momento, seguido de análise do chamado "livro de ocorrências" onde são registrados todos os atos de indisciplina e violência qualificados como afronta à escola.

Com base na observação feita no "livro de ocorrências", foram escolhidos os alunos que seriam entrevistados; essa escolha também foi baseada na conversa com alguns professores a respeito do comportamento dos alunos. Foram entrevistados alunos da 5ª série, agora chamado na escola de 6º ano, onde os alunos analisados encontram-se na faixa etária de 11 a 15 anos. O motivo de se

escolher alunos dessa série é o maior número de casos registrados no livro de ocorrências, e na opinião dos professores e do corpo técnico da escola que apontam essa série como a que apresenta um maior número de alunos considerados pela escola como indisciplinados. Por existirem três turmas do sexto ano na escola foram selecionados 10% de cada turma, entre estes os alunos que são considerados “bagunceiros, indisciplinados”, e aqueles que apresentam um comportamento “aprovado” pelos professores em geral. Esse fato é importante para sabermos a visão ou como a violência tem afetado alunos com comportamentos diversificados.

Escolhidos os alunos, foi feito um convite pessoal para que participassem da pesquisa, onde lhes foi explicado os objetivos, os procedimentos e a importância da participação de cada um.

Foi realizada uma entrevista individual com base em perguntas direcionadas aos alunos solicitando o fornecimento de exemplos com o objetivo de explicar de maneira mais detalhada suas opiniões. Com os professores também foi realizada uma entrevista na forma de perguntas com espaço para exemplificação da mesma maneira ocorrida com os alunos.

Durante as entrevistas tanto alunos como professores forneceram exemplos de acordo com as suas próprias experiências vivenciadas na escola e fora dela. A conversa com a coordenadora pedagógica nos forneceu informações para termos uma noção da situação gerada pela crescente violência não só na escola, mas no bairro onde situa-se. Foram usados nomes fictícios tanto para os alunos entrevistados como para os professores, com o objetivo de se obter respostas mais condizentes com a realidade vivida no cotidiano escolar.

No capítulo 1 serão abordados alguns problemas que atualmente as escolas enfrentam como o chamado fenômeno “*bullying*”<sup>1</sup> bastante discutido ultimamente. Trataremos também a maneira como esse fenômeno tem se manifestado nas escolas brasileiras e a sua relação com a violência existente hoje nas escolas.

Outro aspecto que será discutido neste capítulo é com respeito às perspectivas que os jovens têm em relação ao futuro, e como essa visão de futuro tem influenciado no aumento da violência e dos casos de indisciplina nas escolas.

A perda da importância dos valores morais que contribui para as ações de indisciplina e violência em especial no espaço escolar, o chamado respeito deixa de

---

<sup>1</sup>Violência física e psicológica sofrida por crianças e adolescentes, ocorrendo com mais frequência no espaço escolar.

fazer parte da formação dos jovens da atualidade. No final deste capítulo analisaremos os conceitos de violência e indisciplina.

Dando continuidade, o capítulo 2 deste trabalho vem intitulado: Quando a violência invade a escola; analisaremos a consequência que a violência exerce no aprendizado dos alunos, a maneira como a escola se tornou uma reprodutora da violência existente na sociedade e, como as crianças percebem ou encaram a violência que as rodeiam, juntamente com as análises de autores sobre os tópicos e falas das crianças entrevistadas durante a pesquisa realizada na escola.

Finalizando, o capítulo 3 vem intitulado: A visão da escola sobre os problemas enfrentados no cotidiano, trazendo a concepção de alunos e professores sobre o que entendem por violência e indisciplina escolar, acompanhado de alguns casos ou fatos reais ocorridos na escola durante o período de observação da pesquisa.

## CAPÍTULO 1: A ESCOLA E SEUS DILEMAS

Atualmente as escolas enfrentam problemas de natureza diversificada; falta de material didático, estrutura física das escolas inadequadas, baixa remuneração dos professores, juntamente a esses problemas estão os fatores relacionados diretamente aos alunos, aos dilemas que os mesmos enfrentam diariamente na escola e que afetam de maneira significativa o trabalho dos professores e o aprendizado dos alunos.

### 1.1.O que é “*Bullying*”

Eu fui vítima dele. Por causa dele, odiei a escola. Nas minhas caminhadas passadas, eu o via diariamente. Naquela adolescente gorda de rosto inexpressivo que caminhava olhando para o chão. E naquela outra, magricela, sem seios, desengonçada, que ia sozinha para a escola. Havia grupos de meninos e meninas que iam alegremente, tagarelando, se exibindo, pelo mesmo caminho. Mas eles não convidavam nem a gorda nem a magricela. ‘*Bullying*’ é o nome dele. (ALVES, 2005, não paginado)

Na citação acima feita por Alves (2005) em uma entrevista acerca do tema ‘*bullying*’, ele define as ações ocorridas nas escolas com o termo inglês; afirmando ter sido vítima de tal ação e por esse motivo tem-se dedicado a escrever acerca do assunto, mas será que as ações de humilhação e discriminação ocorridas nas escolas brasileiras podem ser definidas apenas com o uso desse termo inglês? E por que analisar com um termo em inglês ações que há muito tem perturbado a paz nas escolas? Para isso analisaremos a seguir a definição de alguns autores a respeito do que atualmente é chamado por muitos de fenômeno ‘*bullying*’.

Segundo Vasconcellos (1997), o termo ‘*bullying*’ abrange as mais variadas formas de atitudes agressivas, intencionais e constantes cometidas por um indivíduo, ou em muitos casos por um grupo contra uma pessoa ou mais. Tais atitudes têm o objetivo de diminuir, oprimir, intimidar e discriminar, numa relação de covardia; pois existe a desigualdade de poder ou força.

Mas que ações podem ser classificadas como sendo ‘*bullying*’? Baseado na pesquisa feita pela ABRAPIA<sup>2</sup> por não existir uma palavra específica na língua portuguesa que possa substituir o termo ‘*bullying*’, pode ser substituído pelas

---

<sup>2</sup> Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência.

seguintes palavras: ameaçar, amedrontar, tyrannizar, oprimir, maltratar, apelidar, ofender, zoar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar.

Não seria então exagero encarmos atitudes comuns adotadas por alunos como práticas violentas? A respeito desse assunto Constantini (2006) diz o seguinte sobre as ações envolvendo *'bullying'*: *"Não são simples brigas que ocorrem entre jovens, mas atos de intimidação sistemáticos impostos a estudantes vulneráveis e que levam a uma condição de isolamento e marginalização"*. Mas antes de definirmos se o que acontece nas escolas locais é simplesmente uma ação do *'bullying'*, vamos analisar como essa ação ocorre na prática, no dia-a-dia dos alunos.

Os dados que seguem são baseados na pesquisa feita pela ABRAPIA com o intuito de combater a prática do *'bullying'* nas escolas brasileiras; onde são identificadas as personagens envolvidas em ações do *'bullying'*:

**Alvos ou vítimas** - são alunos que sofrem diretamente a tortura mental ou física. Na maioria das vezes as mesmas vítimas acabam vitimando outros, os mesmos alunos que são alvos, também são autores de alguma forma de discriminação. Alunos que são vítimas apresentam baixa auto-estima, atitudes agressivas que tem como objetivo provocar outros; daí o duplo papel de alvos/autores, ao passo que são vítimas, vitimizam outros como forma de auto defesa, geralmente são tímidos, introvertidos, depressivos, e acabam tendo dificuldades em se expressar e, conseqüentemente no seu aprendizado.

**Autores** - em grande parte dos casos é o aluno mais popular da escola, e por isso costuma usar de sua fama, popularidade, para intimidar outros, fazendo valer suas idéias. É agressivo não só com alunos, mas também com professores, tendo a sua fama de valentão como qualidade a se orgulhar. Sente prazer em dominar, humilhar os mais fracos, pois isso garante a sua fama aos olhos da platéia que assiste frequentemente o exibicionismo do seu poder em maltratar outros.

Quase sempre os autores têm um grupinho que está sempre pronto a aplaudir os atos violentos ou para agirem diretamente na agressão em auxílio do chefe do grupo que sempre toma a iniciativa. Os componentes desse grupo participam por prazer em praticar violência contra outros ou por medo de se tornarem vítimas, alvos. O certo é que existe uma relação de cumplicidade mútua entre os componentes do grupo, e uma situação de subordinação do grupo às ordens do autor, chefe,

valentão. Estão sempre quebrando as regras da escola, da família, são indiferentes às aulas e quase sempre apresentam um baixo desempenho escolar.

**Testemunhas** – são aqueles que não sofrem, nem praticam atos de discriminação contra outros, mas estão sempre presentes como espectadores. Não interferem por medo de se tornarem vítimas ou por não saberem como agir, como ajudar, preferem se manter neutros. Mas sofrem com o clima de insegurança que essas práticas geram no ambiente escolar.

Ao analisarmos os fatores envolvendo as práticas determinadas como *'bullying'* podemos questionar que as mesmas são ações comuns que existem há anos no interior de nossas escolas, o que nos leva a perguntar o porquê dar ênfase atualmente a um problema antigo utilizando-se de outro termo para discutir o problema?

Vejam os dois incidentes ocorridos no Brasil que foram enquadrados como sendo resultados diretos da ação do *'bullying'* nas escolas<sup>3</sup>.

**Primeiro caso** – Edimar era um jovem tímido de 18 anos que vivia na cidade de Taiúva, no Estado de São Paulo. Seus colegas fizeram-no motivo de chacota porque ele era muito gordo. Puseram-lhe apelidos de *'gordo'*, *'mongolóide'*, *'elefante cor-de-rosa'*, e *'vinagrão'*, por tomar vinagre de maçã todos os dias, no seu esforço para emagrecer. No dia 27 de janeiro de 2003, ele entrou na escola armado e atirou contra seis alunos, uma professora e o zelador, matando-se a seguir.

**Segundo caso** – Luis Antônio era um garoto de 11 anos. Mudando-se de Natal para Recife por causa do seu sotaque, passou a ser objeto da violência dos colegas. Batiam nele, empurravam-no, davam-lhe murros e chutes. Na manhã do dia fatídico, antes do início das aulas, apanhou de alguns meninos que o ameaçaram com a *'hora da saída'*. Por volta das 10h e 30 minutos, saiu correndo da escola e nunca mais foi visto. Um corpo com características semelhantes ao dele, em estado de putrefação, foi conduzido ao IML ( Instituto Médico Legal) para perícia.

Analisaremos agora um caso que chocou a população americana em 1999, o ocorrido ficou conhecido como O Massacre da Escola Columbine:

Na manhã do dia 20 de abril de 1999, no condado de Jefferson, Colorado, Estados Unidos, dois estudantes Dylan Klebold, 17 anos e Eric Harris, 18 anos, invadiram a escola onde estudavam o Instituto Columbine, portando quatro armas e

---

<sup>3</sup> Os dois casos foram retirados do site Aprendiz

dezenas de quilos de explosivos. Depois de explodirem quatro bombas desferiram vários tiros, ceifando a vida de 13 alunos da escola, horas depois cercados pela Swat suicidaram-se.

O que Harris e Klebold fizeram foi pôr em prática um plano de vingança que eles haviam planejado com algum tempo de antecedência; acontece que na escola onde estudavam, o famoso Instituto Columbine, tinha como tradição privilegiar os jogadores dos times de futebol americano, beisebol e basquete, ou seja, os atletas e isso acabou sendo o estopim da tragédia. Harris e Klebold eram ótimos alunos de boas famílias, mas não eram populares na escola. Preferiam os computadores às quadras de esporte. Solitários, encontraram sua turma numa estranha gangue, a Máfia da Capa Preta; usavam a internet para extravasar seu ódio. No dia do massacre fora encontrado uma nota perto dos corpos: *“Não culpem mais ninguém por nossos atos. É assim que queremos partir”*<sup>4</sup>.

Por que os alunos agem com tamanha agressividade e rebeldia? Podemos notar algumas semelhanças nos casos citados, em especial no de Edimar, adolescente de Taiúva e dos adolescentes Harris e Klebold do Instituto Columbine. Pra começar eram alunos que passavam despercebidos em meio a grupos que tentam um “lugar ao sol” no pequeno universo escolar. É comum em “todas” as instituições escolares existirem os alunos que estão sempre no “auge”, ou seja, são os populares, aqueles que todos querem ter como amigo; quando digo “todas as escolas” faço isso para mostrar que em qualquer escola sempre existiu, existe e, sempre existirá o grupo dos “populares”; isso talvez não mude nunca, mas não critico a existência desse grupo o problema talvez esteja mais na maneira como que as diferenças estão sendo tratadas nas escolas, sobre essa pluralidade Silva comenta:

Observo um tanto triste, que tais valores da glória (beleza, status social e financeiro e força física) são igualmente priorizados pelos professores, em detrimento dos valores morais e éticos. Assim, muitas vezes, quem recebe a atenção do professor é o aluno bonito, “branquinho”, morador da cidade, “limpinho” e que cheira a talco e a sabonete *pom pom* – quando na verdade todos deveriam receber a mesma quantidade ou, no limite, se deveria, ao contrário, privilegiar os feios, os negros e/ou pardos (expressão horrorosa), residentes em sítios, “sujinhos”, com chulé, piolho, nariz escorrendo e roupa com cheiro de xixi(SILVA, 2004, p.200)

---

<sup>4</sup> Fonte Wikipédia – A enciclopédia livre

Na escola onde Edimar estudava, ele era alvo de piadas, tinha um bom comportamento, era um bom aluno, mas não era popular por ser gordo. Teve que conviver com o preconceito, piadinhas, exclusão, por anos. No Instituto Columbine os atletas são supervalorizados, são populares, são bem vistos; Harris e Klebold não praticavam esporte, mas dominavam bem máquinas eletrônicas como o computador. Nos dois casos os alunos envolvidos não podem ser classificados como alunos ruins, com baixo rendimento. Eram alunos ditos "normais", mas sentiam-se excluídos por não serem aceitos no grupo dos "populares". Isso nos mostra claramente que a escola está reproduzindo as desigualdades existentes na sociedade; se isso acontece, o aluno não poderá procurar refúgio na escola se lá ele também sofre discriminação e exclusão. A escola pode trabalhar as diferenças sem excluir grupo, ou classe alguma por valorizar aquilo que os alunos são, o que eles fazem de melhor, e não por simplesmente estabelecer ou imitar a "padronização de pessoas" ou comportamentos existentes hoje. Atitudes assim ajudariam a minimizar o clima de competição ou superação na escola, o que diminuiria as brigas, e consequentemente a violência por assim dizer, seria a escola trabalhar com as diferenças. Observamos que a atitude dos jovens é reflexo de uma revolta derivada de um futuro incerto; não que atitudes violentas e indisciplinadas sejam justificadas por problemas sociais, mas se tratando de jovens inexperientes, serve pra lançar luz para se entender seus comportamentos e atitudes.

É notória a semelhança entre o caso do adolescente em Taiúva e o massacre em Columbine, e o fato da tragédia nos Estados Unidos ter ocorrido antes e ter ganhado uma repercussão mundial; leva-nos a triste conclusão: a violência está em toda parte e não tem recebido a atenção devida.

## **1.2.O que é bom vem de fora**

Perguntamo-nos porque utilizar-se de um termo em inglês para analisar fatos que vem ocorrendo durante anos nas escolas brasileiras, se estamos falando de violência, é preferível que utilizemos um termo comum em nosso país.

Isso acontece, boa parte, em razão da cultura que é perpetuada por gerações em nosso país, como diz o grupo musical paraense Mosaico de Ravena em uma de

suas composições onde critica a supervalorização da cultura alheia: '*Chega das coisas da terra! O que é bom vem lá de fora!*'. E infelizmente é o que acontece, o Brasil é um país que tem impregnado em seu povo o péssimo hábito, digamos de passagem, de 'importar', copiar a cultura de outros países em especial os Estados Unidos.

Copiamos, compramos, importamos, desde marcas de tênis, filmes, comidas, músicas, esportes, a problemas sociais. A violência que ocorre nas nossas escolas, não é um fato novo, isolado, mas sim um problema antigo que está sendo muito debatido ultimamente em decorrência ao agravamento da situação.

Mesmo que se use um estrangeirismo para definir o problema, isso não muda a situação do caos que tem gerado a violência nas nossas escolas. Sobre o uso do termo '*bullying*' Abramovay (2002) diz: 'O que temos aqui é a violência escolar. Se nós substituirmos a questão da violência apenas pela palavra '*bullying*', que trata apenas de intimidação, estaremos importando um termo e esvaziando uma discussão de dois anos'.

O que temos a fazer é analisar a nossa realidade. Que existam hoje e sempre existiram nas escolas do Brasil ações que são definidas por muitos autores como práticas relacionadas ao '*bullying*' é um fato indiscutível, mas a violência das nossas escolas não é tão mascarada, camuflada, como sugerem os autores. A escola está consciente de que os alunos são capazes de humilhar, intimidar, bater, enquanto estão na escola. Não é porque lhe deram um outro nome que a situação mudou, mas o que tem agravado o problema da violência atualmente são as proporções que o resultado da mesma tem deixado na sociedade; casos como os dos adolescentes citados anteriormente deixam as pessoas estagnadas e com a sensação de total insegurança.

De certa forma a violência sempre existiu no interior das escolas, a diferença para o que tem acontecido hoje é que essa se incorporou a violência existente na sociedade que atualmente vive uma guerra contra o tráfico, contra prostituição, contra as injustiças sociais, contra a corrupção; não que esses problemas sejam recentes, mas agora tem a atenção da sociedade voltada para eles e as crianças acompanham o desenrolar de cada situação e acabam sendo influenciadas pelo que acontece. É só olharmos para as escolas (em especial as públicas) que encontramos em toda a sua estrutura física marcas da manifestação da violência; salas depredadas, banheiros riscados e quebrados, alunos que furam pneus dos

automóveis de seus professores, que vão armados para escola, tudo isso são meios utilizados pelos alunos para expressarem sua revolta contra a escola, suas regras, seus professores. Muitas causas são levantadas por Abramovay para explicar a revolta dos alunos contra a escola:

Há muitas críticas e acusações e a escola aparece, ao mesmo tempo, como causa, conseqüência e espelho de problemas aos quais, muitas vezes, não consegue responder e cuja solução não se encontra ao seu alcance. Essa questão se expressa claramente quando as regras da escola não são claras, quando os professores afastam-se da cultura juvenil, quando os códigos culturais não são compreendidos, quando os seus alunos não são escutados, quando os jovens são "etiquetados", sentindo que na escola há um enorme buraco que os separa dos adultos, e as relações de confiança são quase inexistentes. Por outro lado, os professores e o corpo técnico-pedagógico se sentem desrespeitados, ameaçados e humilhados, o que torna difícil qualquer espécie de diálogo (ABRAMOVAY, 2002, p.78)

É assim, não havendo respeito, entendimento, compreensão, participação mútua, que as simples brigas de alunos por um desentendimento, ou por um apelido desagradável, por uma partida de futebol mal resolvida, se transformaram em crimes envolvendo armas, suicídios, e homicídios. Por isso é mais do que urgente articular meios que impeçam que essa violência alcance proporções irremediáveis nas escolas e interrompa a trajetória escolar de nossos alunos. Nota-se que não só os alunos sentem-se afetados, mas os próprios professores e corpo técnico encontram-se em situação de ameaça pela violência antes vista somente fora da escola, hoje fazendo parte do seu dia-a-dia. Assim, a escola entra em crise em busca de soluções para seus problemas internos, é necessário que a escola contribua com debates sobre a temática da violência, criando condições pedagógicas e institucionais a fim de melhorar a situação. Mas a 'culpa' do estado de violência entre os alunos não é somente da escola.

### **1.3.Os jovens e as perspectivas para o futuro**

Desde muito tempo, quando uma criança recusava-se a ir à escola o argumento usado pelos pais era o seguinte: *'Se você não estudar não vai ser ninguém na vida!'*. A aquisição de conhecimento, ou seja, o estudo, sempre esteve

relacionado ao sucesso social, financeiro, e até emocional, já que sempre é feita uma relação de um aspecto ao outro, esse é um mito repassado por gerações, que não tem sido aceito pelos jovens da atualidade, pelo menos para eles não tem funcionado. Para a sociedade em geral a escola sempre foi vista como a 'escada' para um futuro promissor; sendo assim, quem não estuda não terá chances de alcançar seus objetivos. Esse é um pensamento que de certa forma se tornou parte da nossa cultura, pois, já que 'as crianças são o futuro', esse futuro deve ser bem preparado, é aí que entra o papel da escola. Schilling define da seguinte maneira o papel da escola nos tempos atuais;

As escolas recebem os 'homens médios'(crianças médias), os homens que a 'natureza' faz, e os transformam nos homens que a sociedade requer. Daí o caráter plenamente social e histórico da educação, a explicação de suas inúmeras variações nos diferentes sistemas sociais existentes, de suas transformações históricas(SCHILLING, 2004, p.63)

Para os alunos da atualidade a escola não tem esse poder de ajudar a realizar sonhos, para eles a escola é só mais um fardo diário, pelo qual todos eles precisam se ocupar.

O que atualmente observamos é que o 'encanto' que a escola tinha no passado foi quebrado pela situação econômica da sociedade atual e pelo papel que a instituição escola sempre representou em nossa sociedade. O chamado "mito da escola feliz" não tem mais o mesmo efeito na sociedade atual, sobre a situação que passa a escola Abramovay afirma:

Percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas quanto efetiva desorganização de ordem social, que expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego(ABRAMOVAY, 2002, p.78)

Hoje a maioria dos alunos não deposita tanta esperança na escola como no passado. Esse descrédito se dá pelo aumento de pessoas que passaram anos de suas vidas em escolas, universidades, e que ao chegarem ao mercado de trabalho se deparam com a triste realidade de não terem seus esforços reconhecidos, ou

melhor, dizendo, remunerados. Isso tem se transformado em motivo de desesperança para a maioria dos jovens que logo estarão no mercado de trabalho à procura do seu primeiro emprego e que terão de se deparar com a mesma triste situação que os demais passam; a sensação de não terem seus esforços devidamente reconhecidos. Tudo isso acontece porque o jovem passa a se enxergar como parte dessa massa que em breve terá suas próprias responsabilidades como adulto.

Por um lado, os jovens fazem parte e circulam por distintas instituições, como a família, o mercado de trabalho e a escola; são produtores e consumidores de espetáculos e notícias, sendo produzidos e reproduzindo formas de ser e de pensar. Por outro lado respondem ao apelo consumista, competitivista, individualista e de fixação no poder. (ABRAMOVAY, 2002, p.61)

Os jovens, em sua maioria vêm no trabalho uma forma de se firmar socialmente, de se fazerem respeitados, dignos; mostram que dão importância ao fato de conseguirem se incluir no mercado de trabalho ou não; sobre o significado e a importância do trabalho para os jovens Abramovay em pesquisa feita sobre a situação dos jovens no Brasil afirma;

Os jovens entrevistados frisam ser de extrema importância conseguir um trabalho, enfatizando ser este o meio de sobrevivência individual e, muitas vezes, de suas famílias, ou mesmo a forma de atingir a independência financeira necessária para se sentirem pessoas e construírem sua auto-estima, ou seja, o sentido de inspirarem respeito na comunidade. Também insistem que a remuneração proporcionada pelo trabalho lhes possibilita maior autonomia no plano das relações familiares: *não ficar dependendo do dinheiro da mãe*, por exemplo (ABRAMOVAY, 2002, p.31)

Seria ótimo que os jovens encontrassem alternativas dignas a fim de driblar essa situação de falta de esperança em um futuro melhor, a realidade que vivemos nos mostra ocorrência do refúgio a meios ilegais que prejudicam toda a sociedade, pois, aumenta a criminalidade, já que os jovens por não terem esperança que a educação possa lhes abrir caminhos para uma vida melhor, acabam partindo para o mundo da criminalidade, onde passam a viver totalmente à margem da sociedade, desconsiderando todos os valores considerados importantes para a sociedade. Sobre o papel da escola em manter o bem estar social, Giroux diz o seguinte:

O conhecimento e a autoridade nos currículos escolares estão organizados não para eliminar as diferenças, mas para regulá-las mediante divisões do trabalho social e cultural. As diferenças de classe, raça e gênero são ignoradas nos currículos escolares ou subordinadas aos imperativos da história e da cultura que são lineares e uniformes. A prática de ordenar, autorizar e regulamentar que estrutura as escolas públicas se predica através do medo à diferença e à indeterminação. Os efeitos estão profundamente arraigados na estrutura das escolas públicas e incluem uma arrogância epistêmica e uma fé absoluta que sanciona as práticas pedagógicas e as esferas públicas nas quais as diferenças culturais são vistas como ameaçadoras; o conhecimento se posiciona nos currículos como objeto de domínio e poder; o estudante se torna privilegiado como a única fonte de ação desrespeitosa contra as relações injustas de poder; a tecnologia e a cultura dos livros são abordadas como o único objeto legítimo da pedagogia(GIROUX, 1996, p.69)

Nasce então a necessidade da escola desempenhar um papel importante; cultivar a ordem entre os estudantes, mas mesmo com essa articulação de interesses, ouve-se muito falar na perda de valores entre os jovens em especial. Mas que valores são esses?

#### **1.4.Os valores perdidos**

Todo ser humano é dotado de uma consciência moral, que o faz distinguir entre o certo ou errado, justo ou injusto, bom ou ruim, com isso é capaz de avaliar suas ações; sendo, portanto, capaz de ética. Esta vem a ser os valores, que se tornam os deveres, incorporados por cada cultura e que são expressões em ações. A ética, portanto, é a ciência do dever, da obrigatoriedade, a qual rege a conduta humana. CAMPOS, 2002, não paginado)

Primeiramente analisaremos cada um destes termos baseados na utilização feita por Silva ao tratar de ética e indisciplina escolar;

O termo *ética* (do grego *ethos*, que quer dizer etimologicamente "costume"), consta como conteúdo transversal dos novos *Parâmetros Curriculares Nacionais* para o ensino infantil, fundamental e médio e, resumidamente, significa *reflexão sobre a moral*. Basicamente, *moral* (do latim *morus*, que também quer dizer "costume") significa um conjunto de regras, normas e leis que determinam ou orientam os

comportamentos dos indivíduos numa dada sociedade(SILVA, 2004, p.22)

Como podemos observar, tanto o termo ética como moral, estão relacionados ao costume, ou seja, a algo que é transmitido na sociedade; e agora estão constando como conteúdo para o ensino nas escolas, o que se torna em algo novo, já que no passado os valores morais eram repassados especialmente pela família, hoje tornou-se um assunto de preocupação educacional, pois, a escola tem sido a grande vítima pelo fato de a sociedade ter perdido o “costume” de perpetuar ou repassar a importância desses valores importantes para a vida em sociedade. Para Silva (2004), tanto o termo ética, como o termo moral, são concebidos como sinônimos, pois dizem respeito à busca da felicidade coletiva e individual (além de serem, como disse, etimologicamente aparentados). Isso nos ajuda a entender o motivo de estar se dando uma importância em cultivar ou resgatar esses valores, para o bem da sociedade.

Vejamos agora o papel que desempenha o respeito em manter a ordem social; com relação ao termo respeito Tardeli escreve:

*O respeito pode ser traduzido pela valorização de cada indivíduo em sua peculiaridade e nas características que constituem como indivíduo singular. É bastante evidente nessa definição, que a singularidade se dá a partir da tomada de consciência do indivíduo sobre a sua própria singularidade, na presença do outro, isto é, ao mesmo tempo que apresenta a idéia de individualidade, apresenta também a idéia de alteridade: a consciência sobre si só é possível a partir da consciência sobre o outro. Cada pessoa é, sem dúvida, singular e distinta de todas as outras. Entretanto, tal singularidade se constitui no contexto e na relação da vida coletiva(TARDELI, 2003, p.47)*

Notamos que o termo *respeito* está relacionado ao valor de cada indivíduo, esse valor individual quando firmado, toma proporções de coletividade, fazendo com que o resgate desses valores tidos como perdidos atualmente, sejam analisados com o intuito de um possível resgate para o bem social.

A atitude indisciplinada e violenta da maioria dos jovens de hoje, em especial na escola, é encarada por muitos autores como sendo resultado da perda de valores morais que foram deixados de ser repassados pelas gerações e que para muitos

são a fonte da situação de rebeldia dos jovens. Fala-se de uma crise dos valores morais, Silva diz o seguinte sobre esta situação de indisciplina dos alunos:

Encarar esse fenômeno como um complicador na relação entre professores e alunos, conseqüência de uma crise por que passa a escola, crise essa oriunda de um momento histórico em que a instituição educacional abdica suas propostas tradicionais e busca consolidação de outras, mais condizentes com o momento que se vive. (SILVA, 2004, p.15)

Mais uma vez a escola torna-se palco dos transtornos causados pelos problemas sociais resultantes da perda de valores. O problema não é somente resgatar valores perdidos, mas sim a esperança de um futuro melhor, sobre o pessimismo dos jovens comenta Giroux:

Para a maioria dos jovens contemporâneos, as promessas de mobilidade econômica e social já não garantem as promessas de legitimidade que sustentavam as primeiras gerações de gente jovem. O sinal de desespero desta geração está em todos os lugares (GIROUX, 1996, p.71)

Então junto ao resgate de valores morais, trabalhar o otimismo e a esperança, a valorização do ser humano, já que isso também tem sido deixado de lado nas escolas em geral. De certa maneira os seres humanos têm a necessidade de ter esperança em um futuro melhor, e essa necessidade é bem manipulada pelos políticos para conseguirem se eleger; a promessa de um futuro melhor, essa necessidade está nítida na citação de Silva (2004) quando faz referência a um comentário do psicanalista Mezan em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo (01/11/1992) quando disse o seguinte:

O psicanalista Mezan sabiamente disse que as pessoas são capazes de suportar todo tipo de privação, como a de passarem fome, morarem debaixo de viaduto, serem humilhadas por servidores públicos desmotivados (esquecediços da sua função de servir ao público) e mesmo assim, apresentarem condutas disciplinadas e não violentas. Contudo, cabe sublinhar que só fazem isso em nome de algo, qual seja: a promessa de que um dia suas vidas irão melhorar. (SILVA, 2004, p.65)

Concordo com essa afirmação, já que sem esperança de melhoria futura não é possível lutar para mudar, melhorar sem expectativa faz com que se perca a motivação de fazer mudanças, e buscar soluções.

## 1.5.O conceito de violência

Violência é um comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim *violentia* (que por sua vez o amplo, é qualquer comportamento a deriva de vis, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ente.<sup>5</sup>

Para Chauí (1999), apud Schilling 2004, p.38;  
(...) violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, mudos, inertes ou passivos.

Podemos então, baseados nestas definições sobre violência concluir que a violência ocorre de maneira física e psicológica, torna o assunto muito mais complexo e difícil de encontrar as raízes causadoras da violência.

No decorrer de anos a violência cresceu em nosso país, e tomou proporções gigantescas. Mas devemos avaliar qual a nossa participação nesse crescimento

O que vem acontecendo em relação ao crescimento da violência é algo tão assustador que está sendo discutido por pessoas de todas as partes do país. Mas como a violência foi se enraizando até chegarmos ao ponto em que estamos hoje? De acordo Schilling (2004, p.40); a violência que existe hoje em nosso país tem história que remonta os tempos de colonização do território brasileiro pelos portugueses até os dias atuais". Para a autora é questionável a visão da história que tenta passar o encontro com os portugueses como algo amigável, pacífico, um encontro entre povos felizes pelo descobrimento de uma nova civilização. E assim tem sido a cada ano que passa, a verdadeira marca da violência no Brasil está

---

<sup>5</sup> Site Wikipédia

sempre escondida, o que tem dado a sensação a muitas pessoas de que a violência é algo que está muito longe da nossa realidade, um assunto apenas a ser discutido.

Devemos nos lembrar que durante a história todas as conquistas do ser humano tiveram em sua maioria que ser travadas guerras, batalhas, conflitos; sobre estas conquistas Schilling diz a seguir:

Os direitos, mais do que conquistados, teriam sido dádivas de governantes benevolentes. A Independência, a República, a Abolição da Escravidão, a conquista dos direitos sociais, tornam-se, nessa visão, fatos que devemos à atuação de alguns homens visionários. Aparentemente foram 'concedidos'. Ficam guardadas na memória coletiva as lutas. Viveríamos em um país que se pensa, então, como avesso ao conflito(SCHILLING, 2004, p.40)

Nós enquanto brasileiros estamos sempre querendo passar a imagem a outros países de que somos um povo 'extremamente' pacífico, quando a nossa própria história de luta por ideais nos desmente. Não estou aqui tentando afirmar que as pessoas são violentas, mas o que tento dizer é que usamos uma 'capa' de povo pacífico, hospitaleiro, quando na verdade não somos totalmente assim.

Essa questão é tão cultural que levamos cerca de 20 anos para eleger um candidato à presidência com idéias revolucionárias, idéias estas que assustavam a maioria dos eleitores. Quando digo que é cultural é por que desde a infância é ensinado, quem na década de oitenta ou até final da década de noventa, ao abrir um livro de história do Brasil não se deparava com a seguinte frase: 'Os portugueses 'descobriram' o Brasil!' Hoje algumas coisas mudaram a esse respeito em relação a questão do livro de história encontramos ao invés de descobriu uma série de questionamentos envolvendo a 'descoberta' ou a colonização. É bom que tenha mudado, mas, não é o bastante, pois para entendermos a questão da violência em nosso país precisamos encará-la de forma real como os casos de extrema violência que ultimamente tem chocado o país e têm levado muitos a questionarem sobre que mudanças seriam necessárias para reverter a situação.

Para vendermos o turismo no país, exaltamos o que temos de melhor; a natureza, a música, a dança, as comidas, o futebol, as festas típicas, a beleza do nosso povo, a hospitalidade, mas quando o turista aqui chega se depara com um item que não estava incluso no pacote de viagens, mas que pode por assim dizer influenciar diretamente a sua estada aqui; esse item é a violência, junto com a

violência a prostituição, outro mal combatido sem muito sucesso pelas autoridades brasileiras. Não que este item violência seja incluído nos pacotes de venda de viagens, mas a imagem de 'paraíso' é tão bem pintada para as pessoas no exterior e, fica difícil acreditar que aconteça no Brasil o que os noticiários diariamente veiculam. Como encararemos que esta mesma violência está cada vez mais infiltrada nas escolas, e que as crianças se tornaram autores diretos de atos violentos dignos de noticiário, é o que determinará a solução ou não do problema.

## **1.6.O conceito de Indisciplina**

Por ser considerada um dos principais fatores que contribuem para a quebra de regras na escola, a indisciplina é sempre citada como causadora da maioria dos problemas ocorridos dentro da sala de aula. Vejamos o conceito de alguns autores com respeito à indisciplina:

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitarem alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares(diretores e professores), ou elaboradas democraticamente.(SILVA, 2004,p.21)

Podemos então definir indisciplina como a quebra de regras estabelecidas na escola, mesmo que estas sejam corretas ou não, pois no caso o fator que definirá se um comportamento é indisciplina ou não é a contrariedade às regras escolares. Essa forma que a escola utiliza para impor regras pode ser um dos motivos que levam a maioria dos alunos a sentirem-se tentados em desconsiderá-las.

Atualmente a indisciplina aparece apenas como “quebra de regras” escolares, toma a mesma proporção que a violência atingiu na nossa sociedade. Isso acontece, pois alunos não estão apenas quebrando regras escolares, estão chegando ao extremo conforme Silva:

Dentre as formas de indisciplina, a mais preocupante é a violência escolar. Ela tem se tornado cada vez mais comum, principalmente

em estabelecimentos brasileiros e norte-americanos, e remete a uma situação tanto de destrutividade dos outros, dos seus pertences, dos bens públicos quanto de autodestrutividade. Na escola, ela aparece quase sempre sob forma de ameaça e de assassinato de colegas e professores, depredação dos bens materiais destes últimos e da instituição e do tráfico e do uso de drogas ilegais(SILVA, 2004, p.21)

Percebe-se que a violência e a indisciplina têm feito parceria dentro das instituições escolares; por isso o aumento da violência escolar já se transformou em assunto de pesquisa. Deixou de ser apenas quebra de regras, tornou-se caso de polícia. Também temos que analisar que nem toda ação classificada pela escola como indisciplina possa ser justa, já que a própria definição de indisciplina nos mostra que nem todas as regras estipuladas pelas escolas são justas ou feitas com base nas necessidades dos alunos que terão que segui-las. Não é correto obrigar alunos a cumprirem regras que parecem não ter significado algum para eles. Isso seria mais fácil se as regras ou normas escolares fossem elaboradas com a colaboração dos próprios alunos, assim eles também carregariam a responsabilidade de colaborar em cumpri-las; para que isso venha a ocorrer é necessário estabelecer um diálogo com os alunos. Sobre diálogo Tardeli argumenta:

A relação dialógica pressupõe o respeito mútuo, relacionado diretamente à autonomia. Para chegar neste ponto, há a necessidade da superação da consciência heterônoma das regras, quando as crianças admitem que o que vem dos mais velhos ou adultos é imutável, sempre existiu ou deve continuar pela tradição. O respeito mútuo vai aparecendo progressivamente, e o medo moral vai se dissipando, cedendo lugar à necessidade de ser respeitado e, por conseguinte, à de respeitar(TARDELI, 2003, p.63)

Concordo com Tardeli quanto à existência do respeito mútuo entre adultos e crianças, e a necessidade de respeitar e de ser respeitado, mas com relação às regras imutáveis, discordo, pois a história tem nos mostrado que tudo o que é tido como imutável, imposto, acaba sendo a causa da maioria das rebeliões, em especial para os jovens que estão sempre procurando maneiras de sobressair às imposições dos adultos; mas essa situação pode ser diferente quando os jovens passam a fazer parte da criação dessas regras, para os jovens a imposição só causa motivos para rebeldia.

## **CAPÍTULO 2: QUANDO A VIOLÊNCIA INVADE A ESCOLA**

### **2.1.A escola como reprodutora da violência social**

Ao analisar a influência da sociedade no dia-a-dia da escola, uma coisa é inquestionável; a escola acaba reproduzindo, refletindo os problemas sociais. Como a violência se tornou um dos assuntos principais da lista dos problemas sociais do país, seria impossível que não afetasse o espaço escolar.

A convivência diária e quase que obrigatória com a violência, tem feito muitas crianças encararem o assunto que é uma das maiores mazelas sociais, como algo corriqueiro, comum, que já é parte da sua realidade.

*“No dia em que teve uma briga aqui na porta da escola, um dos meninos furou o outro com uma faca, mas ele não morreu, só saiu muito sangue.”(Ana).*

*“Tenho muito medo de morrer, mas no jornal daqui aparece todo dia gente que foi assassinada, a gente acaba acostumando a ver gente morta no jornal!”(Pedro).*

A frase de Ana *“... mas ele não morreu...”*, nos mostra quão banal se tornou a violência até mesmo entre as crianças. O fato de um jovem usar uma faca e ferir outro na porta da escola parece não ser algo grave segundo a fala da garota, pois algo pior poderia ter ocorrido como a morte *“ele não morreu...”*, essa simplicidade ao tratar de um assunto que envolve a vida de uma pessoa tem se tornado típico para as crianças. Na fala do aluno Pedro *“a gente acaba acostumando a ver gente morta...”*, tem-se aí a banalização da violência por meio da sua consequência final, a morte de pessoas.

Por viverem em meio a uma sociedade violenta, as crianças refletem o que observam nos adultos. Atualmente o que é veiculado nos meios de comunicação leva a todos não só as crianças, a um estado de dormência ao problema da violência, o que afeta diretamente nossas vidas acaba se tomando parte dela, isso é passado para as crianças que vão reproduzir esse pensamento na escola.

O psicólogo Yves de La Taille em entrevista ao Portal Educacional sobre a relação de questões morais e éticas e a relação com a violência, disse:

Veja: se o projeto de vida de alguém for, como é freqüente hoje em dia, ter muito dinheiro e glória, esse alguém tende a ver as outras pessoas como adversários (o dinheiro não dá para todos) ou como súditos de seu sucesso. Nos dois casos, são instrumentos de seu projeto. Manipula-os quando necessário, elimina-os quando não pode manipulá-los. Eis a violência instalada. Muitos valores presentes na sociedade contemporânea levam as relações fratricidas, e a violência no interior da própria comunidade passa a ser vista como modo inevitável de convívio e qualidade dos "fortes".

Ser violento na sociedade tem se tornado algo comum, apesar de amedrontar a maioria, tem-se a sensação de que não há muito que fazer para reverter a situação da violência. Para exemplificar as proporções que a violência tomou nesses últimos dias entre as crianças no espaço escolar, vejamos o caso que recentemente chocou toda a população de Novo Progresso no oeste do Pará. Foi a morte do menino Kauã Damásio Peres, de três anos. Ele foi levado de dentro da escola por outro aluno, um garoto de oito anos, para um terreno baldio, estuprado, morto a pauladas e depois decapitado com uma faca<sup>6</sup>.

Observando casos como este podemos nos perguntar como fez a mãe do garoto assassinado: "*Que mundo é esse em que vivemos?*" Realmente para uma criança de apenas oito anos é algo que choca as pessoas, e a situação se agrava quando analisamos como tudo começou, ou melhor, onde começou o crime; dentro da escola, pois foi de lá que um garoto de *oito* anos retirou um de *três* sem a indagação de ninguém, isso nos dá uma visão sobre que nível de segurança as escolas tem proporcionado aos alunos. Com relação ao mentor, se é que podemos chamar assim uma criança de oito anos, cabe-nos analisar a espécie de ambiente familiar que esse garoto convivia. Na escola em que estudava informaram à polícia que há muito ele apresentava um comportamento agressivo com os colegas de sala e os professores; diante disso notamos que houve falha da escola em tomar providências com relação a alunos que apresentam um comportamento extremamente agressivo e, o apoio que a escola recebe tanto do governo como das famílias para solucionar assuntos de violência.

Como podemos observar a violência social não é só de particularidade dos adultos, as crianças estão tendo a sua parcela de participação nesse mal crescente. Notamos nesse caso que a criança em questão já apresentava comportamento violento e indisciplinado na escola, outro fator marcante nesse caso é o requinte de

---

<sup>6</sup> Jornal Agência Estado, (16/03/2007).

crueldade que envolveu o crime, para uma criança então isso parece ser assustador, a comoção das pessoas diante do acontecido é o reflexo do medo e da sensação do descontrole que a violência tem tomado. Silva conclui o seguinte:

Como a indisciplina e a violência nas escolas são determinadas por fatores sociais mais amplos, então, a superação de tais fenômenos passa pela resolução dos referidos problemas. Isso não significa que a escola deva ser alheia ao combate de tais situações. Tão somente essa conclusão lembra que a escola por si só não conseguirá resolver tais problemas(SILVA, 2004, p.85)

Realmente se não houver o apoio da família e da sociedade em geral, é impossível que a escola sozinha consiga resolver problemas que deixaram de ser apenas da escola, mas sim sociais.

Na entrevista feita com os professores, nota-se certo desânimo, um sentimento de falta de esperança, uma sensação de incapacidade. Quando surge algum problema de natureza violenta levam à direção da escola, e a escola não conseguindo resolver apela para os pais, que na maioria das vezes não tem controle sobre a educação do filho; pois espera que a escola “edueque” sozinha seu filho em meio a tantas influências negativas exercidas pela sociedade.

O desgaste é tamanho que, muitos professores por não terem esperança de melhoria abandonam a profissão. Para o processo ensino-aprendizagem acontecer é necessário haver esperança, em especial por parte dos professores, que precisam acreditar que o seu esforço pode fazer diferença. Freire ao afirmar que ensinar exige alegria e esperança diz:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. (FREIRE, 1996, p.72)

Então se a sociedade em que vivemos nos tira o pouco de esperança que temos, o que nos resta fazer? Talvez a solução esteja em procurar mudanças em campos que possam repercutir diretamente na vida social, como na família e na própria escola. Citando a família, é importante analisarmos o papel que ela desempenha na formação dos jovens da atualidade, sobre família Schilling discorre:

A família não é, muitas vezes, este “lugar” protetor e acolhedor que a novela, o filme, o livro didático retratam. Muitas vezes é um lugar muito perigoso. São violências graves, pois modelam as pessoas. Podem ser fatais. Ambíguas, visto que ainda muita gente acha que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, que o poder paterno deve ser respeitado a todo custo, refletindo modelos de famílias antigos, com base no poder e na força, questionados, hoje, por leis que atualmente impedem os abusos e exigem uma intervenção. (SCHILLING, 2004, p.90)

É em estruturas familiares assim, repletas de violência, que muitas crianças estão sendo criadas. Diante de tal situação, como podem crianças que convivem diariamente com a violência não se tornarem indisciplinadas e também violentas? A responsabilidade em mudar o comportamento de jovens assim não deve ser exclusivamente da escola, dos professores, notamos que muitas vezes a violência começa em casa e acaba ou toma proporções maiores na escola, por esse motivo deve-se criar uma articulação entre família e escola para solucionar o problema da violência que atinge seus filhos.

Assim, mesmo que não tenhamos a “solução” para impedir que a violência continue a atingir a vida de todos na sociedade, precisamos estar sempre em busca de maneira que venham ajudar sanar o problema mesmo que por longo prazo; Freire diz:

O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política. (FREIRE, 2000, p.79)

De acordo Freire (2000) não podemos nos silenciar diante ao problema, nem mesmo procurarmos nos “acostumar, ou nos adaptar” a situação que vivemos atualmente, temos que discutir, analisar, questionar, procurar soluções, pois se deixarmos de tomar qualquer ação que seja estaremos de certa forma nos acomodando e aceitando algo que não nos traz, nem nos trará benefício algum.

## **2.2.A consequência da violência no aprendizado**

Em vista do problema crescente da violência nas escolas, o fato da violência ter-se arraigado no espaço escolar; alunos e professores admitem que a existência da violência neste espaço, aumenta o clima de tensão, insegurança, que influencia no processo ensino-aprendizagem. As ocorrências de atos violentos nas escolas desviam o foco central da escola que é a educação, transformando-a em um espaço de conflitos constantes. Sobre a situação em que se encontram a maioria das escolas brasileiras, Schilling discorre sobre o assunto:

Há escolas que, por não terem mais a centralidade do ensinar e aprender, por não assumirem a realização do direito humano à educação (condição para a concretização de outros direitos humanos), parecem prisões. E, nas prisões, há rebeliões. Situações freqüentes e “normais” nas escolas até certo tempo, hoje ganham uma dimensão enorme. Clama-se por Polícia, pela mediação da autoridade do Ministério Público, do Judiciário. Parecem que os conflitos não podem mais ser tratados pedagogicamente. Criminalizam-se condutas que antes eram indiferentes à Grande Lei e eram tratadas com mediação da autoridade escolar(SCHILLING, 2004, p.70)

O problema da violência nas escolas hoje tem realmente necessitado da intervenção de outros órgãos. A violência existente nas escolas é tão gritante que foge ao controle ou da dimensão do espaço escolar; tornaram-se “casos de Polícia”, para os assuntos que no passado eram resolvidos na própria escola.

A mudança ou desvio de foco do papel da escola sob a influência da violência é tamanha, que podemos observar isso em vários aspectos que envolvem a prática educativa atual; como a linguagem usada para se dirigir aos alunos, a existência do chamado “Livro de Ocorrências”; onde são registrados os “atos” ou “delitos” praticados pelos alunos na escola; o que acaba nos reportando ou fazendo alusão a algo comum nas muitas delegacias em nosso país, o tão naturalmente chamado de “B.O”(boletim de ocorrência), documento usado para registrar delitos, infrações, crimes. A existência do “livro de ocorrência” na maioria das escolas, acentua o erro do aluno, fazendo-o sentir-se como um meliante, criminoso de fato; o que acaba reforçando essas ações e não coibindo-as.

A substituição das portas por grades, ou portas gradeadas, serve de reforço não só para a segurança dos alunos que precisam ir a uma escola situada em local

violento, mas reforçam também a sensação de “prisão” ou presídio”, alguns estudantes da escola costumam fazer a triste comparação em apelidar a escola onde estudam de Carandiru<sup>7</sup> devido a existência das grades. Alunos e professores tem que viver meio a banalização da violência.

Na escola onde fora realizada a pesquisa, nota-se nitidamente nas expressões dos alunos e professores o medo, e em muitos casos a sensação de banalização dos problemas causados pela violência tanto na escola como nos arredores:

*“Onde eu moro é muito violento, três primos meus foram assassinados. Tenho medo que alguma coisa aconteça comigo também.”(João).*

*“Quando aconteceu o caso do roubo da bicicleta aqui na escola, e que a Polícia foi envolvida, os alunos ficaram alvoroçados; só comentavam sobre o assunto e isso atrapalhava as aulas.”(Carmem).*

*“Quando uma menina da minha sala disse que ia me pegar lá fora, fiquei nervosa e com medo, aí não consegui fazer a atividade, e a professora me mandou pra diretoria.”(Marina).*

Na primeira fala João notamos que apesar de ter apenas de 12 anos de idade, uma trajetória de vida consideravelmente curta pra ter presenciado o assassinato de três parentes próximos. Saber que o fator violência é a mola propulsora dos assassinatos faz João ter medo de também ser vitimado pela mesma violência que ceifou a vida de seus primos.

Na fala da professora Carmem, observamos a proporção que a violência ocorrida nas escolas toma; proporções criminosas, esse fato é afirmado pela intervenção da Polícia para resolver um problema ocorrido dentro da escola, problemas considerados somente de caráter educacional, tornaram-se casos de Polícia.

No caso da aluna Marina, existe a “dupla” violência sofrida pela garota; enquanto ameaçada pela colega de classe, e ao ser expulsa da sala pela

---

<sup>7</sup> Casa de detenção muito conhecida pelos atos de violência e marginalização dos presos.

professora por ter “concluído” que Marina estava adotando uma atitude indisciplinada quando não fez o exercício proposto; motivo este por estar com medo, ameaçada. Nesse caso a professora “ajudou” de certa forma a aumentar a violência que Marina já estava sofrendo por parte da colega de classe.

A que ponto há desistência do professor em ensinar. Expulsar um aluno sem saber “o porquê” da sua suposta “indisciplina”; não cabe na definição de Freire idéia da qual também compartilho:

Ensinar exige saber escutar. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. (FREIRE, 1996, p.113)

No caso da aluna Marina, se a professora tivesse parado para *escutar* os motivos da atitude da aluna teria evitado a ação de expulsar da sala, ato que pode ser caracterizado como violência por parte da professora.

A existência da violência dentro e fora do espaço escolar atrapalha o andamento das atividades educacionais. Se alunos e professores não sentem-se seguros na escola, fica difícil para os alunos direcionarem sua atenção para as aulas, e também por parte dos professores que precisam desempenhar o papel de educar e, ao mesmo tempo dividir sua preocupação com o fato de não terem segurança. Schilling (2004) fala que vivemos em uma sociedade da insegurança, com medos à solta; realmente a sensação de insegurança que tem tomado uma enorme proporção e até mesmo instituições como a escola tem sido bombardeada pela consequência da violência.

Tanto nas expressões dos alunos como da professora notamos que o medo causado pela violência afeta o andamento das aulas, influenciando no aprendizado, não só no aprendizado, mas no próprio comportamento dos alunos. Baseada nas informações coletadas no “Livro de Ocorrências” existente na escola, nota-se o baixo desempenho escolar dos alunos que estão sempre sendo levados à diretoria, aqueles que rotulados como “aluno problema”, são na maioria das vezes aqueles que apresentam o nível menor de aproveitamento de acordo com as notas. Não que notas possam medir o potencial dos alunos, mas segundo os professores

entrevistados os alunos que não conseguem alcançar nem mesmo a média da escola são os mesmos que não prestam atenção nas aulas, e estão sempre envolvidos em brigas dentro e fora da escola; esse fato foi confirmado com o “Livro de Ocorrências”.

## **CAPÍTULO 3: A VISÃO DA ESCOLA SOBRE OS PROBLEMAS ENFRENTADOS NO COTIDIANO**

### **3.1. A visão dos professores sobre violência e indisciplina.**

Mais do que apenas pesquisar sobre os problemas gerados pela violência nas escolas, é necessário sabermos quais os conceitos ou a forma como os professores encaram um assunto que afeta diretamente o seu trabalho. Durante a pesquisa foi-me concedida a oportunidade de saber dos próprios professores as opiniões de cada um a respeito da temática violência e indisciplina.

Para a maioria dos professores entrevistados, a violência se manifesta de diversas maneiras tanto dentro como fora do espaço escolar, e todos concordam quando dizem que é um problema que afeta o desempenho dos professores e dos alunos. Muitos professores sentem-se impotentes quando se deparam com questões envolvendo os alunos e a violência, não sabem que ações mais adequadas devem tomar ao mesmo tempo em que temem por sua integridade física não conseguem encontrar soluções práticas para amenizar o problema.

Ao serem perguntados sobre o que definem como violência, obtivemos as seguintes respostas dos professores:

*“Para mim violência é tudo aquilo que atinge outros, tanto moral como fisicamente. Alguns alunos são violentos quando xingam, agem com falta de educação, agredem outros.”(Carmem)*

*“ Para mim a falta de oportunidade tanto pra criança como para a sua família é uma das maiores formas de violência, pode-se dizer que é onde tudo começa.”(Joana)*

Observando o primeiro comentário da professora Carmem podemos notar que a violência existente na escola onde ela leciona tem-se manifestado de forma física como moral, assim concluímos que a violência na escola ocorre não somente por parte dos alunos como é comumente pontuada pela maioria dos professores, se

existe uma violência moral que causa humilhação é possível que seja cometida também pelos professores contra os alunos; o que pode ser definido como um abuso da autoridade delegada ao professor, o que também não deixa de ser uma forma de violência conforme o comentário da professora Carmem.

Relacionado ao comentário da professora Joana, o principal causador da violência tanto dentro como fora do espaço escolar tem sido a falta de oportunidade, em especial da família que em contrapartida com esse fator não terá estruturas financeiras e até morais para educar seus filhos. Notamos a diferença nos comentários das professoras, apesar de ambas estarem corretas, apresentam uma forma diferenciada de encararem a violência. Uma leva mais para o lado da violência física, e a outra cita aspectos como a falta de oportunidade que não deixa também de ser uma forma de violência.

Não estou afirmando que a falta de oportunidades seja motivo para se tomar ou se tornar um pessoa violenta, mas assim como a professora Joana tenho consciência de quão difícil é para um pai ou uma mãe transmitir aos filhos valores morais, esperança de melhoria, quando eles próprios não acreditam que seus direitos como cidadãos possam algum dia ser realmente reconhecidos. Assim, podemos afirmar que boa parte da crescente violência se dá pelas desigualdades impostas pela sociedade, sobre os direitos que todos nós temos por vivermos em sociedade Canivez argumenta:

Ora, tal exigência(os direitos humanos) leva ao reconhecimento dos direitos sociais em geral (o direito à segurança social, a um mínimo de recursos etc), porque o desenvolvimento da pessoa a autonomia do sujeito supõe um mínimo de conforto material e de segurança. Direitos sociais e igualdade perante a educação e o saber estão, aliás, estreitamente associados. A educação só é concretamente possível e tem sentido se os indivíduos desfrutarem do mínimo de conforto e de tempo livre que lhes permita tirar proveito disso. Os professores conhecem os limites de sua ação junto aos alunos que vivem nas piores condições. Por conseguinte, a educação, para ter eficácia, supõe direitos sociais. O respeito à pessoa está na base dos dois tipos de direitos. (CANIVEZ, 1991, p.91)

Os tais 'direitos' cujas nossas leis rezam nos asseguram de muitos benefícios por fazermos parte de uma sociedade, mas há muito esses 'direitos' são privilégios que se restringem a poucos fazendo com que o 'resto' ou seja, a maioria seja privada de direitos garantidos por lei, o que acaba inevitavelmente gerando revolta

das classes excluídas, descrença pelas leis, e caos social como a violência. Sendo assim, é quase impossível que padrões de moral impostos pela sociedade possam ser perpetuados pelas gerações, pois os mesmos padrões e direitos passam a não fazerem sentido algum para aqueles que os vivenciam apenas no papel. Volto a citar Canivez a respeito dos direitos:

A propriedade, a liberdade de opinião e de comunicação, são direitos que só tem significado para quem tem a possibilidade material de deles gozar. São uma farsa para quem nada possui, quem não tem a possibilidade de se instruir nem de se expressar pelos jornais. Em resumo, são direitos dos burgueses e servem apenas para perpetuar um sistema político fundado na dominação da burguesia. (CANIVEZ, 1991, p.90)

Sendo todos esses direitos garantidos por lei uma farsa para a maioria, resta aos desesperançados opor-se, revoltar-se com a finalidade que 'algum dia' alguma coisa seja modificada a seu favor. Esse modelo de estabelecimento de leis que não beneficiam a maioria é também reflexo nas relações dentro da escola, em especial quando se diz respeito a imposição de regras institucionais, um dos fatores mais citados pelos professores para avaliar os casos envolvendo indisciplina por parte dos alunos, é o não aceitação ou a desobediência as regras impostas pela escola. É interessante citarmos a indisciplina como mais um dos problemas enfrentados pela escola, pois na realidade, indisciplina acaba se confundindo com os atos de violência quando analisados dentro da escola, isso fica nítido nas expressões das professoras ao serem indagadas sobre o que definem como indisciplina escolar:

*"Indisciplina é xingar, não ter educação com os professores e alunos, bater, gritar, brincadeiras violentas."* (Cláudia)

*"Indisciplina é a própria violência, aluno que bate nos colegas, que xinga, que rouba materiais."* (Joana)

Nos comentários acima notamos que a quebra de regras estabelecidas pela escola como a de respeito pelos professores e alunos é classificada como ato de indisciplina tanto pela professora Cláudia como pela professora Joana. Elas definem também agressões como indisciplina, o que não deixa também de ser uma quebra

de outra regra imposta pela escola. Que as regras na sua maioria beneficiam as pessoas (em sociedade, na escola), mas o que observamos é a quebra e a resistência de normas ou regras que na sua maioria são impostas, e não estabelecidas em conjunto com aqueles que irão segui-las.

Sobre direitos humanos criados para orientação da vida social Canivez argumenta sobre a não aceitação das maiorias das leis:

Devem permitir ao indivíduo que antecipe o comportamento do outro, na medida em que é conforme às leis e que preveja as conseqüências de seus próprios atos. Mas essa informação não tem apenas interesse prático. Ela se justifica também porque o indivíduo não participa da elaboração de todas as leis. De fato, ele vem ao mundo numa comunidade já estruturada por instituições, e esse mundo no qual se encontra impõe-lhe coerções que ele não escolheu. É o caso da maioria das leis que ele deve respeitar: elas vêm de um passado do qual não tem nenhuma responsabilidade e cuja autoridade parece assim limitar sua liberdade presente. (CANIVEZ, 1991, p.80)

Observamos que a sociedade e a escola criam regras para a 'melhoria de todos', mas as mesmas não têm aceitação geral por não serem entendidas, formuladas em conjunto com as próprias comunidades seja escolar ou social. Enquanto as coisas forem impostas e beneficiarem uma minoria, sempre haverá quem se negue a segui-las; especialmente na escola com os alunos. Ao invés de impor regras que fogem ao entendimento dos alunos a escola deve fazer algo semelhante ao que é sugerido por Freire:

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, como um dos impulsos fundantes da produção de conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 1996, p.123)

Para a escola conseguir trabalhar as diferenças entre cada aluno é necessário respeitar, ou levar em consideração o contexto em que cada criança está inserida, e articular com a comunidade as principais necessidades em se estabelecer regras mostrando aos alunos a importância da existência das mesmas. Os alunos precisam além de tudo sentir-se parte da escola, parte importante, parte que é ouvida, que é levada em consideração, parte fundamental, assim poderá se evitar a maioria das atitudes rebeldes, ou indisciplinadas tanto criticadas pelos professores; acima de tudo o professor deve ter humildade para reconhecer que o processo de ensino não acontece de maneira isolada apenas como um repasse de conhecimento para o aluno, mas que ao ensinar também estão envolvidos nesse processo, pois a convivência entre professor e aluno envolve o ensino-aprendizagem de ambos, reconhecer que o aluno também tem algo a ensinar que é relevante, exige humildade da parte do professor. Algo ainda envolvido nesse processo de reconhecimento da realidade vivida pelo aluno é a importância para se entender questões que ocorrem com os alunos dentro da escola e que esta na maioria das vezes desconhece suas causas, isso ajudará na resolução da maioria dos problemas, claro que resolver os problemas da escola envolve muito mais do que a ação do professor, como já observamos é algo que ultrapassa os muros da escola e que envolve toda a sociedade.

Já que não se pode resolver todos os problemas de maneira isolada, cabe a cada professor procurar fazer a sua parte mesmo que de maneira particular, analisando suas atitudes como educador, não só nos conteúdos dentro da sala de aula, mas como ser humano que enxerga nos seus alunos algo mais que simples criaturinhas carentes de conhecimento, e sim como pessoas com um futuro necessitando agora no presente de ajuda para sua contínua formação.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1996, p.42)

Partindo desse pensamento, cada educador deve analisar a sua prática como importante na formação dos seus alunos, assim cada ação deve ser pensada para edificação do aluno, pois assim como as ações do professor podem definir a formação do aluno em sentido positivo, também suas más ações servirão de forma

negativa. A importância das ações dentro do espaço escolar não deve ser de preocupação única e exclusivamente do educando, mas todos os agentes que atuam na escola devem se responsabilizar por suas ações, que as mesmas venham a contribuir, ou somar na boa formação dos alunos.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciada. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não sejam a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. (FREIRE, 1996, p.43)

Pensar nas suas ações como influenciadora na formação dos alunos ajudará na melhoria do ensino e nas atitudes dos alunos diminuindo os casos de indisciplina na escola.

### **3.2. A visão dos alunos sobre indisciplina e violência**

Ao analisarmos os casos de indisciplina e violência na escola é primordial dar atenção a maneira como os alunos estão convivendo com o problema e como isso tem afetado o comportamento dentro do espaço escolar. Foi esse o procedimento adotado ao analisar os alunos da escola pesquisada, ouvir o conceito que eles sobre violência e indisciplina, nos ajudou a identificar também a forma como está sendo trabalhado o problema dentro da escola. Perguntando aos alunos sobre o que eles definem como violência, é possível observar como a mesma tem se tornado uma espécie de “personagem” dentro do cenário escolar.

Ao indagarmos aos alunos o que os mesmos entendem sobre violência, obtivemos as seguintes respostas:

*“Violência pra mim é matar, roubar.” (Renato)*

*"Pra mim a violência é ruim, mata muitas pessoas."*(Vitória)

Observamos que para os alunos a violência se restringe apenas ao dano físico, como matar, roubar; a maioria não tem uma dimensão muito ampla sobre as várias maneiras que a violência se manifesta na sociedade e na escola, Schilling classifica seis maneiras como a violência tem se manifestado no espaço escolar; a primeira maneira é a violência da discriminação, sobre a maneira como esta atua autora cita:

Essa é uma violência central, que aparece não apenas nas falas dos jovens moradores de bairros periféricos, como também na fala dos professores. É a violência vivida por todos no cotidiano. Os professores se queixam da discriminação salarial, da ausência de reconhecimento social. Os estudantes se queixam por serem discriminados pelos professores. Uns e outros sofrem com a discriminação que nega o projeto, impede o acesso a um futuro sonhado. (SCHILLING, 2004, p.84)

Na escola pesquisada os alunos entrevistados não citam a discriminação como uma forma de violência, esse ponto só é frisado pelos professores, mas ao perguntar aos alunos o que eles mudariam na escola onde estudam, obtive respostas de natureza diferente, algo me chamou a atenção; por mais diferentes que fossem as modificações apontadas pelos alunos, todos sem exceção citaram que sentem-se incomodados com o fato de serem excluídos por motivos diferentes, são excluídos quando não podem estudar em uma escola segura, com estruturas dignas, quando são privados do uso da tecnologia da tão divulgada era digital.

*"Sinto vergonha de estudar nessa escola, não tem quadra pra jogar bola, nem computador."*(João)

*"A nossa escola é excluída e discriminada pelo município, pois há anos esperamos uma reforma nesse prédio, mas ela nunca aconteceu"*(Carmem)

A exclusão não deixa de ser uma forma de violência, talvez a mais sutil de todas elas, creio que se a exclusão passasse a ser encarada como violência contra

o ser humano ajudaria a diminuir a discriminação, em especial nas escolas onde os estudantes têm uma visão um tanto distorcida sobre a questão da violência.

A segunda maneira citada por Schilling (2004) como manifestações da violência é a desistência em ensinar e aprender, essa forma de violência foi detectada durante a minha pesquisa de acordo com a fala dos alunos ao serem perguntados sobre a razão que os faz freqüentar a escola diariamente alguns responderam:

*"Venho pra escola porque minha mãe me obriga, ela diz que é importante estudar, mas eu não vejo graça nas aulas."*(Mara)

*"Tem horas que eu acho que nem mesmo a professora gosta das aulas, por que eu tenho que gostar?"*(Pedro)

Baseado nas falas dos alunos e no período de observação na escola posso afirmar que existe realmente o que Schilling (2004) citou como desistência em ensinar e aprender; pois os alunos freqüentam a escola mas a sua maioria faz isso como obrigação, sem citar que não conseguem encontrar algo que os faça se sentirem atraídos pela escola, isso faz com que aumente o descrédito da instituição escolar; pois quando chega ao ponto dos alunos perceberem a insatisfação dos próprios professores com a escola isso nos alerta a seriedade do problema educacional. A desistência ocorre das duas partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, o aluno e o professor, Schilling diz o seguinte a respeito da imagem que se tem da escola atualmente:

O lugar da escola aparece cercado de ambigüidades. Há propagandas de projetos públicos que apresentam a escola como: refeitório (a escola garante a comida que os alunos não recebem em casa, pois seus pais não encontram trabalho digno e não tem renda e, não havendo programas de geração de emprego e renda, resta à escola alimentar os filhos dos trabalhadores potenciais desempregados), clube recreativo (as crianças e os jovens vão para a escola para se divertir, praticar esporte e, assim, não ficar nas ruas onde poderão estar sujeitos às tentações do tráfico de drogas). Difícilmente, veremos a escola como é: um direito humano que realiza um direito humano essencial, o de acesso irrestrito ao patrimônio cultural, científico, tecnológico acumulado pela humanidade. (SCHILLING, 2004, p.87)

A visão de muitos alunos sobre o real papel da escola em suas vidas pode estar sendo deturpada pelos vários projetos criados pelo governo para sanar problemas sociais que atingem toda a população. Não estou aqui criticando as iniciativas governamentais para diminuir os problemas, mas usar o espaço escolar para maquiar soluções de âmbito social não resolve o problema, ao contrário acaba criando outros como a desistência tanto dos profissionais da educação como dos próprios alunos por transformar a escola em um espaço “ambíguo”; pois se a escola não consegue cumprir o papel de educar perde-se todo o sentido da educação.

A terceira maneira que se manifesta a violência na escola é a indiferença, em especial a que envolve os alunos, são muitos os relatos de alunos que enfrentam problemas fora da escola e não encontram apoio na mesma, quer por parte dos professores, ou da direção. Diariamente alunos chegam ao espaço escolar com algum tipo de problema que se manifesta no seu comportamento enquanto aluno, mas na maioria das vezes esse problema não é trabalhado, ou simplesmente ouvido na escola pelos profissionais da educação, a medida tomada é sempre a expulsão, repreensão do aluno, ao invés de receber ajuda, ele é punido.

Os professores na sua maioria são indiferentes à realidade de seus alunos, realidade essa que a cada dia é influenciada pelo fator violência. A postura do professor e até mesmo da escola de ser indiferente, faz do aluno também um indivíduo indiferente à escola, aos professores, ao seu próprio processo educativo.

*“Outro dia perdi a aula porque tava doente teve prova e eu perdi, mas mesmo assim minha mãe teve que trazer um atestado pra professora me dar outra prova.”(Ana)*

*“Pulei o muro porque tava com dor de cabeça, mas me viram e eu fui suspenso.”*  
(João)

Perde-se a confiança, ou melhor, não se estabelece uma relação de confiança, uma relação amigável, os problemas são tratados de maneira muito técnica, mesmo se tratando de crianças.

A quarta maneira que a violência se manifesta na escola é a violência doméstica que apesar de acontecer na família tem seus reflexos na escola:

Os jovens falam da violência sexual, do espancamento, das brigas. Violência, portanto, que acontece contra a mulher, a criança, o adolescente, o idoso, o portador de deficiência, o doente mental, aquele(a) com orientação sexual diversa. É uma dimensão da violência ligada ao alcoolismo, ao desemprego e, acrescento, a uma estrutura familiar que joga todo o seu peso no papel masculino. Que discrimina e inferioriza a mulher. Que provoca vitimização direta e indireta e que muitas vezes repercute na atividade escolar da criança ou do jovem, sob a forma da indisciplina, do descaso, da dificuldade em aprender. (SCHILLING,2004, p.91)

Estou de acordo com fato que os problemas ocorridos na família interferem diretamente no aprendizado dos alunos, e por esta razão a violência familiar também é um mal a ser combatido e discutido pelos profissionais de educação; não que a solução esteja em suas mãos por assim dizer, mas se é algo que influencia o processo educativo, deve no mínimo ser levado em consideração.

*“Eu não tenho mãe, quem toma conta de mim e dos meus irmãos é a minha irmã mais velha, mas ela bate muito na gente, às vezes sem motivo.”(Carlos)*

Destaquei a fala desse aluno por ser um dos alunos que mais é repreendido na escola por bater nos colegas mais novos, o motivo talvez seja a reprodução do que ele vivencia em casa. Mais uma razão pra tentarmos enquanto educadores conhecer os problemas dos alunos, é possível que encontremos aí a raiz de muitos enfrentamentos diários da sala de aula.

A violência social é a quinta forma destacada como influenciadora nas práticas escolares:

A situação vivida no país, de concentração de renda e enorme desigualdade social, repercute no cotidiano escolar, nos alunos e nos professores. A angústia do desemprego reflete-se no ambiente familiar de todos e também na escola. Não há como separar o que se vive mundo maior do que se vive na escola. Impacta o presente de alunos que vivem familiarmente a precariedade e a incerteza do mundo trabalho e modela sua expectativa de futuro: haverá um lugar para ele/ela? O quanto a escola poderá (ou não) contribuir para que sua vida possa ser uma vida de superação da pobreza? (SCHILLING,2004, p.92)

Infelizmente não há como separar os problemas da sociedade e do mundo escolar, os dois unem-se quando o assunto são os problemas, a escola tornou-se reprodutora dos problemas sociais, as crianças preocupam-se com o que vão comer no dia seguinte e não com as tarefas escolares, preocupam-se com o que será de seu futuro, já que o presente vivem com tanta dificuldade, não estão mais preocupados em “passar de ano” estão preocupados se vão ter um emprego futuramente, e se a escola representa uma maneira quase que remota de se alcançar o desejado, é em direção a ela que eles dirigem os seus passos diários mesmo que não as aulas não façam o menor sentido para eles.

E como última forma de manifestação temos a violência da criminalidade, essa age de forma imediata podando os sonhos de muitos alunos que precisam estudar em escola situada em locais considerados violentos pela sociedade, são obrigados a freqüentar escolas depredadas pelos vândalos, precisam acostumar-se com a presença de policiais para sentirem-se seguros dentro da própria escola, e em meio a um clima de tensão esforçam-se para aprender; aprender a se desviar do traficante, aprender um caminho mais seguro para voltar pra casa.

*“Aqui no bairro é comum os meninos bríngarem e se machucar, às vezes até usam faca!”(Vitória)*

*“Aqui é tão perigoso que mataram um homem na porta da delegacia!” (João)*

Tendo que se preocupar com a própria vida não sobra espaço pra pensar em prova, teste, notas, passar de ano; indiscutivelmente a violência leva a atos de indisciplina, pois é uma maneira que os alunos manifestam a violência que aprendem em sociedade, e que dentro da escola recebe o nome de indisciplina.

### **3.3. A realidade na escola “Nossa Senhora de Fátima”**

De acordo com a metodologia citada no início, a pesquisa foi realizada na forma de entrevistas e observação comportamental e, baseado nesse período de

observação seguem os seguintes acontecimentos onde foi possível notar a presença da violência entre os alunos:

### **CASO 1: Armado e perigoso**

Em uma manhã típica das escolas de ensino fundamental, algumas crianças gritando, outras correndo, até que adentra a sala da diretoria a professora da primeira série acompanhada de um dos seus alunos de sete anos de idade e, em seguida alunos e professores de outras turmas saíram de suas salas e foram até a diretoria para saber o que havia acontecido.

Quando entrei na sala notei que o garotinho que havia entrado com a professora tinha feito algo errado, pois todos que ali estavam tinham a sua atenção voltada para ele. Em seguida soube que aquele garotinho fora pego pela sua professora com uma faca na cintura, e o mais absurdo de tudo isso foi saber que ele mesmo havia economizado dinheiro para comprá-la e, o motivo o próprio aluno de sete anos explicou a todos na sala: *“Comprei a faca pra me defender!”*

Esse episódio do garotinho com a faca aumentou minha convicção de que a violência que há alguns anos atrás atingia apenas os espaços exteriores a escola se tornou de fato assunto de preocupação não só dos profissionais da educação, mas até crianças por menores que sejam tem uma visão do perigo que correm mesmo estando dentro da escola e se sentem realmente ameaçadas pela violência que convivem no dia-a-dia.

Esta crise que estamos atravessando, juntamente com o aumento da violência, levam a conseqüências a meu ver gravíssimas: ao aumento de respostas violentas frente a situações de humilhação vividas cotidianamente. Ao desconhecimento ou à desvalorização dos valores éticos públicos (como justiça, honestidade, humildade generosidade) e, em seu lugar, à apreciação dos valores privados (fidelidade, coragem) e dos que significam alguma forma de glória (beleza, força física, *status* financeiro e social). (SILVA, 2004, p.84)

É fato que passamos por uma crise que a cada dia toma proporções maiores, pois atinge as várias camadas da sociedade, em especial as crianças que passam a fazer parte desse universo onde a violência e a força física ditam as regras, crescem com este pensamento e o resultado é reproduzido na escola, como este garotinho

de sete anos que por viver em meio à violência já sente desde muito cedo a necessidade de se armar para sentir-se protegido.

## **CASO 2: Trabalho ou escola?**

Fora percebido pelos professores e pela direção da escola que certo aluno da 6ª série estava faltando as aulas com uma frequência incomum. A direção da escola e uma professora resolveram ir até a casa do aluno para saber o que estava acontecendo; a mãe do garoto disse que havia saído para vender castanhas na rua para ganhar dinheiro, disse também que não concordava com atitude do filho, mesmo sendo pobre não deixava faltar o básico (comida e roupa) para ele. O aluno foi avisado pela mãe da visita e, no outro dia ele compareceu a aula, conversou com a professora, e ao ser questionado o porquê de faltar aulas para ir trabalhar, ele disse: *“ Vou vender castanha no terminal pra ter dinheiro pra jogar vídeo game, porque na minha casa o dinheiro da minha mãe é pouco, e eu preciso me divertir também!”*.

Foi feito um acordo com o aluno para que ele não faltasse às aulas, mas foi cumprido apenas nos primeiros dias, resultado; o aluno menor de idade opta por estudar a noite onde o seu rendimento escolar é bem menor.

Notamos a presença da violência na forma da exclusão, o não acesso a meios de diversão pontuam a existência da divisão de classes sociais, da discriminação. O aluno citado, apesar de jovem tem clara a sua posição na sociedade, é ciente de suas necessidades e procura da sua maneira resolver o seu dilema, mas o que ele não é ciente, ou talvez até seja, é que esta ação compromete todo o seu futuro. A escola por outro lado não oferece a menor estrutura física para que os alunos possam ter um momento de recreação, nem mesmo uma simples quadra de esportes. Não posso deixar de elogiar a atitude dessa professora e da diretora que em meio a tantos problemas existentes na escola se dispuseram a ir atrás de um aluno passando por dificuldades, é um exemplo de dedicação, mas que não pode ser repetido com a frequência necessária.

Pais, educadores e líderes comunitários enfatizam que a falta de alternativas de trabalho para os jovens dificultaria atingir as propostas dos projetos, como afastá-los de situações de violência, influenciar comportamentos e valores e incentivar posturas éticas de

compromisso social. A exclusão de jovens, em particular das classes de trabalhadores e de setores populares, leva também ao desencanto em relação ao valor da escolaridade. (ABRAMOVAY, 2002, p.34)

O jovem carente que estuda e pela sua idade necessita de momentos de lazer não encontra espaço para isso na escola e muito menos na sociedade, isso faz muitas crianças, em especial os pobres, a optarem por uma ocupação na rua que lhes ofereça alguma renda, do que frequentar a escola. É o caso desse garoto citado anteriormente, ele sente a necessidade de suprir seus desejos de diversão, quando isso não é fornecido pela escola e muito menos na família, a alternativa que ele encontra é negligenciar a escola para um subemprego nas ruas.

### **CASO 3: O roubo da bicicleta.**

Nessa mesma escola ocorreu o episódio do roubo da bicicleta, onde um aluno furtou a bicicleta de um colega dentro da escola e, em seguida vendeu para ser desmanchada em uma oficina. Ao saber do ocorrido a direção da escola tentou reaver a bicicleta, mas sem sucesso, foi quando entrou em ação a ajuda da polícia, pois as pessoas que receberam a bicicleta receberam de uma criança e, é uma atitude considerada como crime ao induzir a prática do roubo. Esse é um exemplo de violência da criminalidade onde os atos dos alunos passam a ser ações criminosas de fato, resta a escola recorrer a Polícia para resolver.

São as brigas, que sempre existiram, mas que agora chamam mais profundamente a atenção dos educadores. Relacionam-se, por vezes, com a existência de gangues e tribos, grupos de jovens que se unem em torno de estilos(SCHILLING, 2004, p.81)

As situações que no passado ocorriam nas escolas e que eram vistas como comuns hoje são ações sérias que resultam até mesmo na perda da vida de pessoas, os erros praticados pelas crianças da atualidade são ações graves como as praticadas pelos adultos, havendo muitas vezes a necessidade de se recorrer a ajuda da própria polícia para se resolver problemas envolvendo alunos como ocorreu neste episódio citado acima.

#### **CASO 4: Briga de faca na porta da escola.**

Aconteceu no dia da feira de ciências, momento em que os portões da escola ficam abertos para receberem alunos de outras escolas inclusive outros visitantes como os pais para apresentação de projetos. Logo na parte da manhã notou-se um tumulto no portão da escola, quando chegamos lá só havia um rastro de sangue e o seguinte comentário dos alunos: *"Não morreu não, foi só uma facada de leve!"*. Alunos disseram que dois garotos do bairro começaram a brigar e um estava armado com uma faca e acabou ferindo o outro. Temos nesse caso a banalização da violência os alunos estão tão acostumados com episódios de brigas sangrentas, mortes, que não se assustam com um acontecimento como esse, a violência passa a ser algo banal, comum.

Prazer, violência e morte, nestes casos, reafirmam como uma geração de jovens leva seriamente a afirmação de que a vida imita a arte ou como a vida se forma dentro de uma cultura violenta de imagens nas quais, entre outras coisas, "seria mais fácil estar morto"(GIROUX,1996, p.75 )

Para as crianças hoje a violência e a idéia da morte se transformou em algo totalmente comum, banal, que é tão simples perder a vida que ferir alguém passa a ser encarado como um ato simples, o extremo seria a morte. Criados na cultura da violência vista na TV e no próprio dia-a-dia as crianças internalizam a violência como parte de suas vidas.

#### **CASO 5: O assalto na escola.**

A escola foi invadida por vândalos que roubaram alguns aparelhos da cozinha e da secretaria e amarraram o vigia da escola. Por não ter o mínimo de segurança exigido foi uma invasão fácil, que serviu para mostrar a fragilidade da escola e aumentar a sensação de insegurança daqueles que a freqüentam. Mostra a necessidade de investir na segurança das escolas, e na conscientização que a violência é de preocupação de todos em sociedade, um mal que toma proporções gigantescas a cada dia.

As ações violentas identificadas são as depredações, os furtos e as invasões aos prédios escolares. Há uma violência contra a escola, que aparentemente, não é vista como um bem público a ser preservado. É interessante notar que não há registros de depredações contra postos ou serviços de saúde pública nas mesmas comunidades em que as escolas são depredadas. A interpretação oferecida a esta diferença é que essas ações são cometidas por ex-alunos excluídos do processo educacional pela escola. (SCHILLING, 2004,p.79)

A visão que muitos na sociedade têm da escola em especial os próprios alunos, ajuda na depredação do espaço escolar, ouve-se muito os alunos ao serem repreendidos por danificarem a escola, argumentarem que; *a escola é do governo mesmo!* Esse tipo de pensamento juntamente com a mágoa que muitos estudantes carregam da escola em que estudaram, ajuda na destruição do patrimônio que também pertence aos próprios vândalos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo ao questionamento inicial da pesquisa sobre a relação da situação da sociedade atual com a violência e a indisciplina escolar, posso concluir que existe uma relação direta, uma ligação muito nítida da crescente violência, que agora deixa de ser apenas na sociedade, com os atos de indisciplina dos alunos dentro do espaço escolar.

Infelizmente com a pesquisa foi possível confirmar a influência que a violência tem exercido dentro da escola. A escola hoje passa a ser mais uma das inúmeras vítimas da violência e, em consequência disso tem interferido nos processos educacionais como nas ações de alunos e professores, modificando de maneira negativa o importante papel da educação.

Esta pesquisa nos proporcionou a oportunidade de ouvir dos próprios alunos e professores o conceito que eles têm a respeito da violência e da indisciplina, ouvir a opinião das partes envolvidas nos mostra que não há muita diferença na concepção de indisciplina dos alunos para o conceito dos professores, o que diverge é a aceitação dos alunos a regra, normas, existentes na escola, isso ocorre por não se estabelecer uma participação maior dos mesmos, em especial na elaboração e necessidade das regras existentes. Explicar a importância da sua existência ajudaria a diminuir os atos de indisciplina na escola.

Analisando os conceitos de alunos e professores sobre indisciplina, notamos que nem todas as ações denominadas pelos professores como sendo indisciplina são de fato indisciplina, às vezes um simples questionamento feito pelo aluno sobre a prática do professor é tachado como um ato indisciplinar. Por outro lado os alunos têm certa consciência ou noção do que é considerado pela escola como indisciplina, mas na maioria das vezes opta por não seguir as regras, aceitando assim o rótulo de "aluno indisciplinado". Essa atitude é reflexo do mundo existente fora da escola, que costuma dividir as pessoas pelo seu comportamento, e não deixa de ser uma forma de expressão da violência.

Sobre a concepção de violência, o que observei é que para os alunos violência é algo físico que os atinge de forma direta, que machuca, que amedronta; já para os professores além de enxergarem na violência o mal físico, tem uma concepção que vai além, e que atinge a moralidade, a liberdade, a segurança, o

respeito aos seus direitos como cidadãos. Essa visão dos professores sobre violência é importante, pois assim nos certificamos que enquanto educadores eles têm consciência que também, em seus tratos diários, podem vitimar seus alunos com as atitudes que tomam. Têm a consciência que ao passo que são vítimas da violência, também agem com violência ao excluir, rotular, ignorar, não ensinar seus alunos. Professores vítimas de violência quer pelos baixos salários ou pela desvalorização da profissão, tendem a escolher o abandono da profissão, devido a violência da qual são vítimas e a falta de uma melhora significativa no seu espaço de trabalho.

A existência da violência nas escolas é um fato indiscutível, mas durante a pesquisa foi observado que não está apenas dentro da escola, porque a criança que é vítima em casa, nas ruas, leva ou reproduz essa mesma violência na escola, existe também a violência gerada dentro do espaço escolar. Talvez sejamos ingênuos ao achar que apenas os alunos são violentos, essa pesquisa pode nos mostrar que não, pois consideramos casos de violência psicológica que na maioria das vezes tem o professor como agressor.

*“É impossível entender a violência!”* esta frase foi dita pelo presidente Bush com respeito aos assassinatos ocorridos na universidade em Virgínia EUA, não concordo, pois apesar da violência causar conseqüências que realmente são impossíveis de aceitar, não é impossível entender as causas que levam a sua existência. Como vimos no decorrer desta pesquisa a violência é uma forma de reação a problemas, em especial a problemas sociais, no caso do massacre em Virgínia, a falha ou a resposta pode estar na estruturas das leis nacionais que legaliza o porte de armas, já no nosso país, o problema também se encontra nas leis, nas leis que são seguidas, que só existem no papel, como a de igualdade para todos e, também em leis que deveriam existir, que obrigasse o governo a proporcionar uma vida digna a todos na realidade e não somente no papel.

A violência e a indisciplina escolar são determinadas por fatores ou problemas gerados na sociedade e, justamente por essa razão devem ser encarados como problemas de cunho social e, não apenas escolar. Para a sua solução há a necessidade do envolvimento de toda a sociedade.

É difícil falar sobre a violência. Podemos nos questionar, sempre, se nossas falas não serão fracas, inoperantes, insignificantes. Se, neste

cenário de violência tão intensamente apresentada e representada, nossas falas não são inertes, medíocres, banais. (SCHILLING, 2004,p.31)

Especialmente tratando-se da violência existente nas escolas, professores e pais acabam ficando estagnados ao se confrontarem com os efeitos que a violência gera por ocupar espaço no cotidiano das crianças. Ter uma solução que resolva o problema de imediato, é algo que momentaneamente nos parece bastante difícil,mas não será impossível se for construído com o apoio de todas as camadas sociais.

Abordar sobre a temática da violência é bastante complexo, pois são diversas as formas como ela se manifesta e também são vários os fatores que levam a sua existência em sociedade. O certo é que algo precisa ser feito com o objetivo de modificar a situação existente nas escolas brasileiras, pois o caos do abandono gerado pela violência começa a ultrapassar os atos de indisciplina, tornando-se mais comuns os casos de massacres dentro das instituições escolares cometidos em sua maioria pelos próprios alunos. Isso é um alerta de que algo precisa ser feito com urgência, não que seja instantâneo o seu resultado, mas sim a sua iniciativa.

## **ANEXOS**

### **ENTREVISTA FEITA COM OS PROFESSORES**

1. O que você define como violência? Exemplifique.
2. Você é vítima de algum tipo de violência dentro do seu local de trabalho?
3. Como você define a palavra indisciplina? Exemplifique.
4. No dia-a-dia em sala de aula, que atitudes dos alunos você determina como atos de indisciplina?
5. Você acha que as atuais regras e normas institucionais colaboram para o aumento ou para a diminuição da violência e da indisciplina na escola?
6. Individualmente, que atitudes você tem tomado para trabalhar a questão da violência com as turmas que você trabalha?
7. Como professor(a) você se sente preparado(a) para agir em situações que envolvam atos de violência dentro da escola?
8. Existe algum projeto na escola que trabalhe a indisciplina e a violência dos alunos? Se existe como está sendo aceito por você e pelos alunos?
9. O que você acha que poderia ser feito para amenizar a questão da indisciplina e da violência na escola em que trabalha?
10. Acha que a violência e a indisciplina atrapalham o desempenho dos alunos e dos professores? Como?
11. Encontra ajuda ou apoio por parte da direção da escola, dos pais para resolver problemas de natureza disciplinar e violenta?
12. Como você encara a criação e o seguimento das regras existentes na escola? Mudaria alguma coisa nas regras? O que? E por quê?

## ENTREVISTA FEITA COM OS ALUNOS

1. Para você o que é violência?
2. Você é vítima de algum tipo de violência?
3. Na sua turma você se sente excluído?
4. Você tem algum apelido na escola ou na rua? Gosta desse apelido? Por quê?
5. Alguma vez você já brigou na escola? Por qual motivo?
6. Alguém persegue ou implica com você na escola? Por quê?
7. Já teve medo de ir à escola? Por quê?
8. Você consegue entender as explicações da professora?
9. Quando não entende, ela explica novamente?
10. Os professores gostam de você? Explique.
11. Onde você mora é um lugar violento?
12. Na sua casa você ou algum parente é vítima de violência? Como?
13. Você é um aluno que obedece as regras da escola? Por quê?
14. Gosta da escola em que estuda? Por quê?
15. Por que você vem à escola?
16. Se você tivesse o poder de mudar a escola em que estuda, o que mudaria, e por quê?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam. Escola e violência. Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- ALVES, Rubem. A forma escolar de tortura. Campinas, SP: Correio Popular, 2005.
- CAMPOS, Michele. História da ética/ Michl Greik e Tacyanne Do Vale. Salvador, BA: Científico. Ano II v.I, 2002.
- CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão?/ Patrice Canivez; tradução Estela dos Santos Abreu, Cláudio Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- CONSTATINI, Alessandro. Observatório Ibero-Americano de violências nas escolas. Notícias da educação, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.
- SCHILLING, Flávia. A sociedade da insegurança e a violência na escola. São Paulo, SP: Moderna, 2004.
- SILVA, Nelson Pedro. Ética, indisciplina & violência nas escolas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- TARDELI, Denise D' Áurea. O respeito na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Série Idéias n. 28. São Paulo, SP: FDE, 1997.  
[www.aprendiz.com.br](http://www.aprendiz.com.br)  
[www.wikipédia.com](http://www.wikipédia.com)